

Os escritores de Hollywood já começaram a sentir os efeitos da introdução da inteligência artificial. Não vão ser os únicos, e as consequências serão diferentes do habitual

As máquinas atrás dos escritores



R ao Quadrado

Ricardo Reis

rquadrado.expresso@gmail.com

Entre maio e setembro, o sindicato de escritores dos EUA esteve em greve. Filmes e séries televisivas foram adiadas ou canceladas, porque faltaram ao trabalho os 11 mil argumentistas que trabalham em Hollywood. Do outro lado da disputa estava a associação dos patrões dos maiores estúdios, como a Disney ou a Netflix. A principal razão para a greve foi a renegociação da fatia das receitas que deve ir para os argumentistas, agora que a fonte de receitas é cada vez mais o *streaming* e cada vez menos a publicidade e os bilhetes de cinema. Havia também outro assunto em cima da mesa, mais inovador e interessante: o que fazer com a inteligência artificial (IA)?

Muita da escrita, não só para um filme mas também numa redação de jornal, é criativa e exige uma sensibilidade para com o contexto ou a inteligência do leitor que, por enquanto, só outro humano com muito talento é capaz de produzir. Mas também há muita escrita que é relativamente repetitiva, por exemplo a relatar notícias corriqueiras ou a descrever um cenário recorrente num filme.

O ChatGPT e outros algoritmos e modelos conseguem criar esta escrita já com bastante facilidade e sem diferença de qualidade visível em relação ao texto de um humano. Mais ambicioso, mas aparentemente exequível num futuro bem próximo, é que algoritmos de IA podem produzir mais de metade do texto de algumas séries que seguem uma “fórmula” relativamente previsível e para as quais já há muitos episódios com os quais treinar o algoritmo. Para ser mais preciso, e correndo o risco de ofender alguns dos seus fãs, já foram criados quase 500 episódios da série “Law & Order”. São todos aproximadamente iguais. Não falta muito tempo para a IA conseguir escrever o argumento de uma série em que há um crime, dois polícias, um suspeito que deixa uma série de pistas e uma confissão extraída depois de um diálogo dramático.

Os estúdios já começaram a substituir escritores. Os argumentistas queriam estabelecer limites ao uso de IA durante esta greve. O acordo final estabeleceu que todos os argumentos têm de ter um escritor humano, mesmo para uma peça muito curta. Pode-se interpretar isto como uma vitória para os argumentistas. Mas receio que seja o oposto: os estúdios ficaram a ganhar e o trabalho de escritor está em perigo.

A razão vem de perceber o que gera rendimentos e emprego na criação artística hoje em dia: os direitos de cópia. Os custos tecnológicos e físicos de fazer uma cópia são hoje tão baixos que só através do direito legal a ser compensado se alguém copiar o seu trabalho é que um ar-

tista pode ser pago. Ora, nos EUA, a jurisprudência diz que uma criação feita por um computador não pode receber direitos de cópia. Só pode receber direitos de cópia aquilo que tiver uma intervenção humana determinante. Recentemente, um tribunal americano decidiu que uma pessoa a dar instruções num computador ao ChatGPT para criar um quadro não conta como intervenção determinante. Já uma pessoa a usar o rato para editar uma imagem conta como inovação que pode receber direitos de cópia. (O exemplo mais famoso é o quadro de Richard Prince, vendido em leilão por 3,4 milhões de dólares, em que ele pegou na imagem clássica do *cowboy* da Marlboro e retirou as palavras usando um programa simples de edição de imagem.)

No futuro, a equipa de argumentistas terá só 1 ou 2 humanos em vez dos habituais 9 ou 12

Ora, quando criam séries de televisão ou filmes, os estúdios têm de garantir que mantêm direitos de cópia. Se um programa de IA criasse o argumento inteiro, então não o poderiam fazer. Mas, havendo pelo menos um argumentista a escrever e a programar a IA, já conseguem. Logo, o que os sindicatos conseguiram nas negociações foi algo que os estúdios iriam sempre fazer. No futuro, o que receio que aconteça é que a equipa de argumentistas tenha só 1 ou 2 humanos em vez dos habituais 9 ou 12.

Este exemplo dos argumentistas ilustra bem o que causa ansiedade com a IA. Desde a revolução industrial que o mercado de trabalho está em constante mudança porque novas máquinas substituem o trabalho que era antes feito por alguns trabalhadores. Ao mesmo tempo, as máquinas complementam o trabalho feito por outros trabalhadores, tornando-os mais produtivos. Com o aumento da produtividade ficamos todos mais ricos, e novos empregos são criados em resposta a novos desejos de consumo. Por isso, o número total de empregos continua a aumentar com a população.

Mas, no curto prazo, este processo causa desigualdade. Um trabalhador especializado que é substituído por uma máquina no seu ofício demora tempo a ajustar os seus conhecimentos e competências para poder ocupar um dos novos empregos. Por vezes não consegue fazê-lo de todo, ficando desempregado de longa duração. A tecnologia cria vencedores e perdedores.

Enquanto nas últimas décadas a substituição de humanos por máquinas afetou sobretudo os trabalhadores com menos qualificações, com a IA isso pode ser diferente. Não só escritores mas também advogados ou médicos radiologistas, entre outros, podem ver parte do seu trabalho feito por uma máquina. Este processo é afetado pela tecnologia, mas também pela lei e pela negociação entre trabalhadores e patrões. É por isso natural que a IA traga muita ansiedade entre os trabalhadores. O caminho do progresso é o mesmo, mas a distribuição dos custos e ganhos vai ser diferente desta vez.